

o factor da multiplicidade e plenitude. (...) É uma afirmação susceptível de grande elasticidade e que vai desde a concepção da Igreja em geral até à vida diária das paróquias individuais»⁶⁴.

Ou em outros termos, *coetus episcoporum* e *coetus ecclesiarum* são idênticos.

Ainda por isto mesmo podemos afirmar com J. Hamer: «Não há duas colegialidades episcopais: uma que se exerce a nível universal e outra que se manifesta a nível de uma qualquer região. Não há mais que uma só que conhece modalidades infinitamente diversas»⁶⁵.

No tempo sociológico, parece que o princípio de subsidiariedade poderia constituir um subsídio importante para resolver na Igreja alguns problemas de estrutura.

Todavia a sua aplicação, nascida no âmbito sociológico, não deve erigir-se em absoluto como aconteceu no passado com o modelo monárquico ou imperial que acabou por ocultar aquilo para que deveria contribuir para tornar claro, mas antes, estar ao serviço duma ontologia mais profunda que indiscutivelmente o ultrapassa.

Caso contrário estaríamos a proceder a um reducionismo teológico por virtude do uso dum elemento sociológico.

Isto dito, nada impede que se aplique a uma teologia do mistério um princípio de explicitação vindo de outra área. A teologia está continuamente a usar noções vindas de outras áreas do saber.

É neste diálogo entre princípio sociológico e determinação teológica que mais parece dever incidir no futuro o diálogo.

Arnaldo C. de Pinho

Parábola da Ovelha Perdida

(Mt 18,10-14; Lc 15,1-7; EvTom 107)

(Estudo histórico-literário)

Sem entrarmos aqui na discussão, sem dúvida pertinente, das relações entre parábola e alegoria, comparação e metáfora, temos, no entanto, que a partir do pressuposto de que a parábola faz parte do processo metafórico e da comparação. O narrador pretende, com este tipo de linguagem, suscitar no leitor/ouvinte uma reacção que poderíamos chamar actualização vital. Por isso se costuma dizer que o modelo clássico de parábola é o que o profeta Natã propôs a David (cf. II Sam 12,1-7a). Curiosamente, uma parábola que tem por motivo literário uma ovelha. A parábola de Natã obtém o resultado pretendido, na reacção de David: «Pelo Deus vivo! O homem que fez isso merece a morte. Pagará sete vezes o valor da ovelha, por ter feito esse atentado e não ter tido compaixão». Natã apenas faz a aplicação da parábola: «Esse homem és tu!». A linguagem parabólica pretende, pois, mediante a comparação, implícita ou explícita, implicar o ouvinte, fazê-lo, de algum modo, actor da «história» contada.

O tema da ovelha, numa sociedade pastoril como é a do povo do Antigo Testamento, é um tema comum, não só como sinal de riqueza mas também como motivo teológico para explicar o relacionamento de Israel com o seu Deus. Vejamos apenas alguns exemplos em que é utilizado precisamente o motivo literário-teológico da ovelha perdida: «Vejo todo o Israel vagar pelas montanhas como um rebanho sem pastor» (I Re 22,17); «Ando errante como ovelha perdida» (Sl 119,176); «Israel é como ovelha desgarrada, perseguida por leões» (Jer 50,17); «As minhas ovelhas vagueiam por toda a parte, pelas montanhas e pelas

⁶⁴ RATZINGER, *Implicações pastorais*, 45.

⁶⁵ J. HAMER, *Les conférences épiscopales, exercice de la collegialité*, in *NRT* 85 (1963) 969.

- 1 ΠΕΖΕΙΣΣΕ
- 2 ΤΜΝΤΕΡΟΣΕΤΝΤΗΤΗΕΥΡΜΕΝΗΩΣ
- 3 ΕΥΝΤΑϚΙΜΜΑΥΝΗΜΕΣΟΟΥ
- 4 ΛΟΥΑΝΩΗΤΟΥΣΩΡΜΕΠΝΟΑΠΕ
- 5 ΛϚΚΩΠΤΕΨΥΙΤ
- 6 ΛϚΨΗΜΕΝΣΑΠΙΟΓΑ!
- 7 ΨΑΝΤΕϚΙΨΕΡΟϚΙ*
- 8 ΝΤΑΡΕϚΙϚΙΣΕ
- 9 ΠΕϚΑϚΙΜΠΕΣΟΟΥΣΣ
- 10 †ΟΥΟΥΚΤΑΡΑΤΕΨΥΙΤ!

15 *Ὅταν δὲ αὐτῷ ἐγγίζοντες πάντες οἱ τελῶναι καὶ οἱ ἀμαρτωλοὶ ἀκούειν αὐτοῦ, ὁ καὶ διεγόγγυζον· οἱ τε Φαρισαῖοι καὶ οἱ γραμματεῖς λέγοντες ὅτι· Οὗτος ἀμαρτωλοὺς προσδέχεται καὶ σινοεῖ αὐτούς.

ὁ εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς τὴν παραβολὴν ταύτην λέγων·

12 † Ἦτε ἀνθρώποι ἑκατὸν πρόβατα καὶ ἀπολέσας ἓξ αὐτῶν ἐν οἷς καταλείπει τὸ ἐνεήκοντα ἐνὸς ἐν τῇ ἐρήμῳ καὶ πορεύεται ἐπὶ τὸ ἀπολωλὸς ἕως εὗρη αὐτόν; ἢ καὶ εὗρον ἐπιτίθεισαν ἐπὶ τοῖς ἑσπερίοις αὐτοῦ χάλασας, ὅ καὶ εὗρον εἰς τὸν οἶκον συνακαλεῖ τοὺς ὑλοίους καὶ τοὺς γείτονας λέγων αὐτοῖς· Τυχάρητέ μοι, ὅτι εὗρον τὸ πρόβατον μου τὸ ἀπολωλός.

† λέγω ὑμῖν ὅτι οὕτως χαρὰ ἐν τῷ οὐρανῷ ἔσται ἐπὶ ἓν ἑμαρτυλῶ μετανοοῦσιν ἢ ἐπὶ ἐνεήκοντα ἐνὸς δικαίου οἰκτιρῶσιν οὐ χρεῖαν ἔχουσαν μετανοίας.

10 *Ὅρατε μὴ καταφρονήσητε ἐνὸς τῶν μικρῶν τούτων· λέγω γὰρ ὑμῖν ὅτι, οἱ ἐγγελοὶ αὐτῶν ἐν οὐρανοῖς διὰ παντός βλέπουσιν τὸ πρόσωπον τοῦ πατρὸς μου τοῦ ἐν οὐρανοῖς.

12 † Ἦτε ὑμῖν δοκεῖ; ἐὰν γένηται τινὶ ἀβρῶνι ἑκατὸν πρόβατα καὶ πλανήσῃ ἐν ἓξ αὐτῶν, οὐχὶ ἀφήσει τὰ ἐνεήκοντα ἐνὸς ἐπὶ τὰ ὄρη καὶ πορεύσθεις ζητεῖ τὸ πλανώμενον; ἢ καὶ ἐὰν γένηται εὐρέειν αὐτό, ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι χαίρει ἐπ' αὐτῷ μᾶλλον ἢ ἐπὶ τοῖς ἐνεήκοντα ἐνὸς τοῖς μὴ πλανημένοις.

ἢ οὕτως οὐκ ἔστιν βέλγημα ἑμπροσθεν τοῦ πατρὸς ὑμῶν* τοῦ ἐν οὐρανοῖς ἕνα ἀπολήγαι ἐν τῶν μικρῶν τούτων.

λέγει Ἰησοῦς·

ὁμοία ἐστὶν ἡ βασιλεία

ἐκείνων τῶν ποιμνῶν· ἑκατὸν πρόβατα ἔχων· ἐν ἓξ αὐτῶν ἐπλανήθη· μάλα ἔστιν χατέλιπεν τὰ ἐνεήκοντα· ἐνὸς (καὶ) ἐζητήσεν τὸ ἐν ἕως εὗρη αὐτό·

εἶπεν τῷ προβάτῳ (ἀγαπῶ σὲ) παρὰ τὰ ἐνεήκοντα ἐνὸς

colinas elevadas; o meu rebanho anda disperso por sobre toda a superfície do país; ninguém se preocupa ou se mete à procura delas (Ez 34,6) ¹.

Quando Jesus pronunciou esta parábola da ovelha perdida não estava, pois, a falar uma linguagem estranha para os seus ouvintes. Na sociedade palestinese em que o rebanho fazia parte do dia a dia da gente mais simples, era fácil perceber grandes verdades pela linguagem que utilizasse a terminologia de rebanhos, pastores e ovelhas.

O nosso estudo é uma tentativa de penetração no sentido do presente texto, utilizando o método de análise filológica e percorrendo os caminhos da criteriologia actual, a fim de chegar o mais longe possível na investigação da fonte (ou fontes) da história da parábola da ovelha perdida.

1. Enquadramento da parábola

A apresentação do texto grego que acima propomos pretende manifestar o enquadramento da parábola. O seu «con-texto» próximo. Isto significa que a parábola propriamente dita, ou seja o que poderíamos chamar a «story», está precedida e seguida dum outro texto que é altamente significativo para o sentido da parábola em cada um dos três textos propostos. Por isso, dividimos cada um dos textos em introdução, corpo e aplicação da parábola. O enquadramento imediato do corpo da parábola propriamente dita ou «story» da parábola é feito pela introdução e pela aplicação.

O enquadramento inicial da parábola em Mt (18,10-11) fornece-nos já a tonalidade teológico-literária da mesma:

Ὅρατε μὴ καταφρονήσητε ἑνὸς τῶν μικρῶν τούτων.

Trata-se do motivo dos «pequeniños», tema que se opõe a «grandes», talvez os «grandes» da Igreja de Mt. Com efeito, em Mt, a parábola insere-se numa narrativa de discurso do famoso discurso eclesial (Mt 18), enquanto Lc a insere num discurso em parábolas (Lc 15). Mt encontrou a parábola na Quelle e aproveitou-a para reforçar as várias instruções à Igreja,

¹ As citações dos textos bíblicos em português são feitas segundo a Bíblia da Difusora Bíblica, Lisboa, 1986.

sobretudo aos «grandes», à estrutura jerárquica da Igreja. Isto significa que Mt fez a transposição da parábola do ambiente palestino do tempo de Jesus Histórico para o ambiente da Igreja ou do Jesus pós-pascal. Dirigida certamente contra os fariseus — os «inimigos naturais» de Jesus — a parábola aparece em Mt dirigida contra os «grandes» da Igreja.

O enquadramento inicial da parábola em Lc (15, 1-2) é muito diferente do de Mt (embora a sinopse de Kurt Aland 4/5, 1982, 161 tenha omitido tal enquadramento e comece imediatamente pelo corpo da parábola!). O terceiro evangelista coloca a nossa parábola num contexto de discussão de Jesus com os fariseus que murmuram por Ele acolher publicanos e pecadores:

καὶ διεγόγγυον οἱ τε
Φαρισαῖοι καὶ οἱ γραμματεῖς λέγοντες ὅτι Οὗτος ἀμαρ-
τωλοὺς προσδέχεται καὶ συνεσθίει αὐτοῖς.

Mas a parábola tem o seu enquadramento geral nas três parábolas do cap. 15 sobre o perdão e o amor de Deus. Com efeito, em 16,1 a temática já é completamente diferente. Deste modo, por ser a primeira deste conjunto, e enquadramento inicial desta parábola enquadra, de algum modo, as outras duas parábolas seguintes. Temos, assim: Lc 15,1-2: situação e ocasião do discurso = *enquadramento inicial*.

3-7: *parábola da ovelha perdida;*

8-10: *parábola da dracma perdida;*

11-32: *parábola do filho perdido.*

Em todo o conjunto, as *coisas perdidas* são sempre encontradas. Poderíamos, pois, desde já avançar que o presente «capítulo dos perdidos e achados» é típico de Lc. Em primeiro lugar, porque só a parábola da ovelha perdida se encontra também em Mt; as outras duas, pertencem ao material próprio de Lc; em segundo lugar, porque este grande conjunto se encontra plenamente inserido na lógica da teologia de Lc. Além disso, a ligação da primeira com a segunda parábola é feita por um simples «ou»; o mesmo se diga da ligação da segunda com a terceira, feita por um «disse ainda». São expressões claramente redaccionais de Lc.

Uma outra curiosidade a este respeito é a da grande semelhança existente entre a parábola da ovelha perdida e a da

dracma perdida, a ponto de parecerem parábolas gémeas: há um paralelismo evidente na aplicação final das duas; igual paralelismo de 1 para 100 (ovelha perdida) e de 1 para 10 (dracma perdida). A diferença na pessoa que procura a coisa perdida parece-me irrelevante porque se trata apenas duma questão de verosimilhança: no ambiente palestinese, era próprio do homem guardar as ovelhas pelos montes; e era próprio da mulher tratar dos assuntos da casa. No entanto, e de acordo com o contexto geral da obra de Lc, a mulher da parábola da dracma adquire certo interesse teológico porque a sua acção de procurar a dracma é colocada em paralelo com a acção de Deus que procura «um só pecador que se arrepende». Isto é qualquer coisa de insólito num ambiente (semíta) em que a mulher contava muito pouco.

Este problema prende-se com um outro: parecendo gémeas as duas, porque é que só Lucas nos transmite a parábola da dracma perdida?

A lógica pediria que as duas se encontrassem na Quelle e, portanto, também se encontrassem, pelo menos, em Mt. Porque é que Mt não no-la transmitiu? Podem ter acontecido duas coisas: ou a parábola não se encontrava, de facto, na Quelle e, então, ela foi encontrada numa outra fonte própria de Lc; ou então se se encontrava na Quelle, Mt pode tê-la achado irrelevante para a sua teologia sobre o Reino-Igreja e não a utilizou; ou pensou mesmo, que se tratava duma aplicação da parábola da ovelha perdida que ele utilizou no discurso eclesial. A meu ver, esta terceira hipótese é bem possível: Lc, na parábola da dracma perdida, pode ter operado uma autêntica duplicação da parábola da ovelha perdida. Como sabemos, nas parábolas dos evangelhos (e não só) a mulher só muito discretamente aparece. Apenas a encontramos, como acontece, na parábola das dez virgens que é própria de Mt (25,1-13) e que facilmente se explica pela importância das núpcias no ambiente palestinese. As comunidades de Lc, de cultura essencialmente helenista e, portanto, mais abertas aos valores próprios da mulher, terão operado tal duplicação. Tendo o mesmo enquadramento inicial, e sendo mais resumida, ela é, no entanto, construída em paralelismo perfeito com a primeira. O próprio vocabulário, excepto o que é próprio da situação de cada «story», apenas muda do masculino para o feminino: senão vejamos:

Ovelha perdida (15,4-7)

Dracma perdida (15,8-10)

4 Τίς ἀνθρώπος ἐξ ἑμῶν ἔχων
 ἑκατὸν πρόβατα,
 καὶ ἀπολέσας ἐξ ἑαυτῶν ἓν
 οὐ καταλείπει τὰ ἐνεήκοιτα ἐννέα...
 καὶ πορεύεται... ἕως εὐρη αὐτό;
 5 καὶ εὐρῶν...
 6 καὶ συγκαλεῖ τοὺς φίλους
 καὶ τοὺς γείτονας
 λέγων αὐτοῖς,
 Συγχαρήτέ μοι,
 ὅτι εὔρον
 τὸ πρόβατόν μου τὸ ἀπολωλός.
 7 λέγῳ ὑμῖν ὅτι οὕτως
 χαρὰ ἐν τῷ οὐρανῷ ἔσται
 ἐπὶ ἑνὶ ἁμαρτωλῷ μετανοοῦντι
 ἢ ἐπὶ ἐνεήκοιτα ἐννέα δικαίοις οἵτινες οὐ χρεῖαν
 ἔχουσιν μετανοίας.

Ἡ τίς γυνὴ ἔχουσα
 δραχμὰς δέκα,
 ἐὰν ἀπολέσῃ δραχμὴν μίαν,
 οὐχὶ ἀπτεῖ λύχνον καὶ σαροῖ τῆν οὐκίαν
 καὶ ζητεῖ ἐπιμελῶς ἕως οὗ εὐρη;
 9 καὶ εὐροῦσα
 συγκαλεῖ τὰς φίλας
 καὶ γείτονας
 λέγουσα,
 Συγχαρήτέ μοι,
 ὅτι εὔρον
 τὴν δραχμὴν ἣν ἀπώλεσα.
 10 οὕτως, λέγω ὑμῖν,
 γίνεται χαρὰ ἐνώπιον τῶν ἀγγέλων τοῦ θεοῦ
 ἐπὶ ἑνὶ ἁμαρτωλῷ μετανοοῦντι.

A segunda parábola «feminina» de Lucas diz o essencial da primeira, prolongando-a, para dar real interesse e importância à mulher, o que ele faz também noutras páginas do evangelho, quando nos apresenta muitas outras figuras femininas. É que também a mulher fazia parte dos que eram desprezados na religião dos fariseus e doutores da lei. Ela está, portanto, em plena sintonia com o enquadramento inicial de Lc 15,1-2 que funciona claramente como introdução da «story» das duas parábolas que ficam ligadas por um simples «H» (ou): Τίς ἀνθρώπος ἐξ ἑμῶν ἔχων: Ἡ τίς γυνὴ ἔχουσα.

A própria estrutura das duas parábolas é muito semelhante, se não igual:

- interpelação dos ouvintes: vv 4a e 8a;
- deixar as 99 e acender a candeia: vv 4b e 8b;
- encontro alegre da ovelha e dracma: vv 5 e 9a;
- convite à festa: vv 6 e 9b;
- aplicação final: vv 7 e 10.

Esta duplicação da parábola da ovelha perdida, operada pela igreja de Lc, tem paralelo na parábola do tesouro e da pérola de Mt 13,44-46, não sendo, portanto, caso único nos sinópticos.

Salta à vista a diferença quantitativa de texto entre os dois sinópticos e parábola do Evangelho Copto de Tomé. Em primeiro lugar porque EvTom não tem qualquer enquadramento definido mas unicamente o monocórdico λέγει Ἰησοῦς. No entanto, tem uma virtude: aparece-nos na sua pura simplicidade. Se aplicássemos o *critério da brevidade*, como indício de arcaísmo e, portanto, como indício de autenticidade, a parábola de EvTom seria mais autêntica, porque é a que tem menos narratividade e teologização. Ao contrário, Mt-Lc fornecem-nos uma «story» inserida num enquadramento (que inclui a introdução e conclusão) que já fornece uma interpretação teológica. O *critério da omissão significativa* parece, igualmente jogar a favor de EvTom.

2. Quadro semítico da parábola

Procuramos agora o *quadro semítico* da parábola: sabemos qual era o ambiente campestre do tempo de Jesus onde pastores e rebanhos faziam parte do quadro agrícola do dia a dia palestinese. No entanto, enquanto os dois sinópticos nos falam dum ἀνθρώπος tout court, EvTom fala-nos dum ἀνθρώπω τινι ποιμένι = pastor, o que parece mais de acordo com o ambiente de Jesus. Neste caso, duas coisas podem ter acontecido: ou EvTom operou um «embelezamento» da parábola vestindo o «homem» de pastor — o que não estaria na Fonte; ou então utilizou outra fonte (mais antiga?) onde tal «embelezamento» fazia parte da natura-

que brotam por entre os rochedos, no Verão. Por isso, o quadro de Lc é mais verosímil e semítico que o de Mt, apesar de este ser um escritor palestinese. Nisto se manifestam as extraordinárias qualidades de escritor do terceiro evangelista.

- É Lucas, ainda, que reforça quanto acabamos de dizer, ao afirmar que *o pastor coloca a ovelha sobre os seus ombros*. É outro aspecto em que Lc se apresenta como mais dentro do quadro palestinese que Mt ou EvTom. Com efeito, todos sabemos o que significa a ovelha na literatura em geral e na literatura bíblica em particular. Ela é símbolo, ao mesmo tempo, de simplicidade e de humildade obediente ao próprio pastor. Mas também simboliza a falta de inteligência e de tino, sendo incapaz, portanto, de se conduzir a si mesma. Quando percebe um perigo iminente ou se sente sozinha, a ovelha é incapaz de tomar uma atitude de autodefesa. Corre, sem saber para onde. E na sua corrida sem destino, a ovelha fica exausta. É nesta situação de total incapacidade que o «pastor» lhe pode manifestar toda a delicadeza e amor muito particular. Ele trata-a como se ela fosse um cordeirinho que, esse sim, costuma fazer grande parte da sua caminhada através das pastagens do «deserto» aos ombros do pastor. Este é um elemento a ter em conta para a compreensão profunda da teologia que está por detrás da parábola de Lc. A razão fundamental deste gesto reside num termo que Lc tem o cuidado de nos fornecer e que indica o sentimento mais profundo do pastor ao encontrar a ovelha: é o *χαίρων* do v. 5. É deste sentimento que arranca todo o motivo da *festa* que encontramos imediatamente no v. 6: *Συγχαρήτέ μοι...* Porque se sente em festa, o pastor vai convidar os outros para a sua festa.

Depois de estudarmos as acções do pastor em ordem a resolver a situação dramática em que se encontra a ovelha, vejamos agora o ambiente psicológico do pastor:

- b) Os *sentimentos do pastor*: são diferentes nos três textos:

Quanto ao esforço por encontrar a ovelha:

- Mt: *καὶ ἐὰν γένηται εὐρεῖν αὐτό*, («e, se chegar a encontrá-la»)

Há uma certa incerteza do encontro da ovelha que «se extraviou» (v. 13).

Lc e EvTom: o pastor caminha *ἕως εὐρη αὐτό* (até a encontrar). Há uma certeza do encontro da ovelha que ele «perdeu de vista» (v. 4).

Quanto à alegria do pastor:

- Mt: alegra-se mais por uma que pelas noventa e nove que ficam; daí resulta a fórmula: 1 = mais que 99.
- Lc: organiza *uma festa* a fim de que também os vizinhos participem activamente da sua alegria. Há aqui um acento enorme na alegria que vai crescendo de modo centrífugo: do pastor para os vizinhos. Em Mt, este acento sobre a alegria é feito pela fórmula: 1 = mais que 99.
- EvTom: segundo Erbetta⁴, a parábola de EvTom tem no seu original um termo que é profundamente significativo, não tanto dos sentimentos do pastor quanto do esforço da procura da ovelha: é o termo que se traduziria em português por «cansado»: «...*cansado, disse à ovelha...*». Sem entrarmos aqui nas questões textuais da parábola, este adjectivo exprime algo muito natural no quadro geral da parábola e uma certa simplicidade primitiva de EvTom em relação com os dois sinópticos.

As acções e sentimentos do pastor encontram-se na estrutura da parábola para resolver a situação de crise, para transformar o dramatismo em festa e para reparar uma situação de *in-justiça*, isto é, para repor a unidade e incolumidade do rebanho que está em situação de grave perigo. A intervenção do pastor repara tal «in-justiça» quando restaura o conjunto, trazendo à unidade do rebanho a ovelha perdida.

Aplicação final da parábola de Mt (Mt 18,14; Lc 15,7):

É este o ponto crítico de nosso estudo e onde os dois sinópticos, no seu conjunto, mais se diferenciam de EvTom. Mas vejamos os três textos:

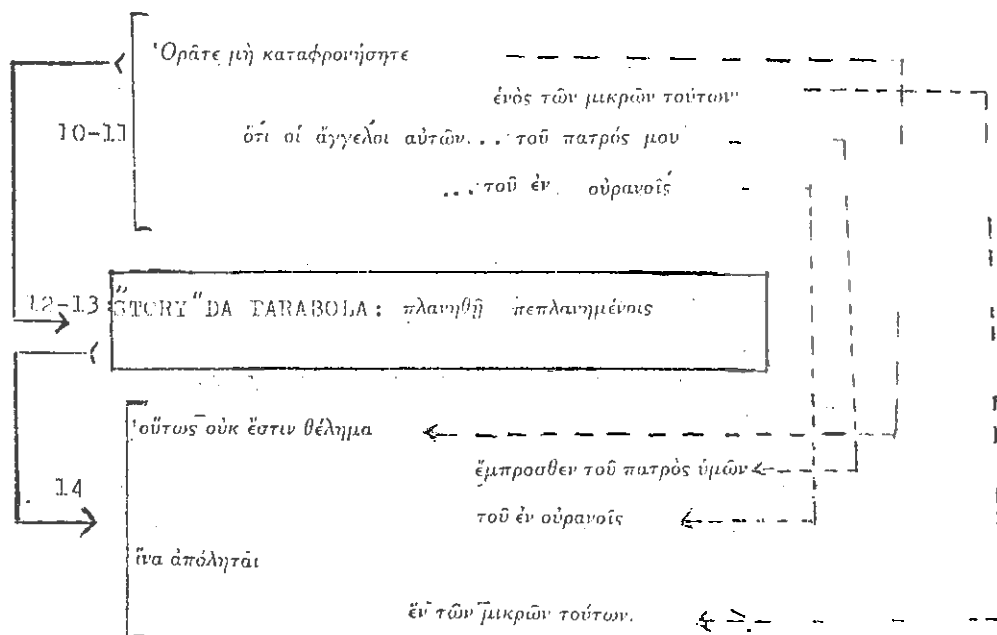
- Mt: *οὕτως οὐκ ἔστιν θέλημα ἐνπροστεγ τοῦ πατρὸς ὑμῶν τοῦ ἐν οὐρανοῖς ἵνα ἀπόληται ἐν τῶν μικρῶν τούτων.*

Como é evidente, a conclusão final mantém, logicamente, a temática dos «pequeninos» que encontrávamos na introdução inicial. O tema é o mesmo: *ἐν τῶν μικρῶν τούτω*. Mas a corres-

⁴ M. ERBETTA, *Gli Apocrifi del Nuovo Testamento*, I/1, Torino, 1975, 281.

pondência entre a introdução da parábola e a aplicação final da mesma passa pela antítese estabelecida entre a atitude dos «grandes» da Igreja expressa pelo verbo καταφρονήσητε «e a atitude de Deus, expressa pela frase οὐκ ἔστιν θέλημα ἔμπροσθεν τοῦ πατρὸς ὑμῶν . . . ἵνα ἀπόληται. A lógica de tal correspondência antitética parece situar-se no verbo do enquadramento inicial. Com efeito, parece ser o «kataphronein» dos grandes da Igreja que leva ao «apoletai» dos «pequeninos». Eles saem do rebanho da Igreja porque são desprezados. O *corpo* da parábola está, pois, na sequência lógica do «kataphronein» da *introdução* da parábola; e o corpo da parábola é uma «story» que tem como tema precisamente o «apoletai» ou o «planão» da ovelha; «apoletai» este que é contra a vontade de Deus, como é claramente indicado na *conclusão* ou aplicação final. Daí também o sentido das duas negações colocadas, logicamente, na introdução e na conclusão. Resumindo: o «kataphronesete» dos «grandes» da Igreja leva ao «planão» dos «pequeninos», «planão» que vai criar uma tal crise na ovelha que corresponde ao «apoletai» da mesma, claramente negado pela «*thélema tou patrós humon*».

Deste modo, poderíamos tentar um esquema de tipo estrutural do enquadramento da parábola:



Concluindo, o tema da parábola mantém-se, logicamente, desde a introdução até à conclusão, passando pela «story» da parábola: «Os pequeninos» aparecem como objecto do activo «kataphronein» dos grandes, na introdução; são significativamente representados pela «probaton» que se tresmalhou, na «story» e passam a ser sujeito do «apóletai» negado pelo «thélema tou theou», na conclusão. O verbo indicador do tema da story («planao» na passiva) em que a ovelha aparece como sujeito e funciona como elo de ligação entre o activo «kataphronein» dos «grandes» e o médio «apóletai» de que é vítima a ovelha. Deste modo, se explica a atitude puramente passiva assumida pela ovelha ao longo de toda a parábola perante a atitude multiformemente activa do «Pastor» *em favor* de ovelha, desenvolvida para contrastar a atitude também activa do «kataphronein» dos «grandes», *em desfavor* da ovelha. A passagem de τοῦ παγκός μου para τοῦ πατρὸς ὑμῶν pretende, a meu ver, implicar directamente no assunto os destinatários da parábola.

Aplicação final da parábola de Lc é claramente diferente da de Mt:

λέγω ὑμῖν ὅτι οὕτως
 Χαρὰ ἐν τῷ οὐρανῷ ἔσται ἐπὶ ἐνὶ ἁμαρτωλῷ μετανοοῦντι ἢ ἐπὶ ἐνενήκοντα ἑννέα δικαίοις οὐκ ἔχουσιν μετανοίας.

Em sintonia com o enquadramento inicial — que corresponde também à introdução da parábola — Lc faz incidir a sua atenção sobre a *alegria* causada pelo perdão de Deus ao peccador. E pecadores, para os fariseus e doutores da Lei, eram os cobradores de impostos (porque os cobravam para os estrangeiros e para Herodes), os curtidores de peles (porque se tornavam impuros ao tocar em animais impuros), os comerciantes que se contaminavam com muitos objectos que tocavam, etc. O mundo dos fariseus estava dividido em dois grupos com fronteiras bem delimitadas: justos (eles!) e pecadores (todos os outros). Daqui o sentido da «murmuração» farisaica: Jesus não seguia o mesmo esquema divisionista entre bons e maus. Para Ele, todos faziam parte do mesmo rebanho das ovelhas de Deus, segundo o motivo literário-teológico corrente no Antigo Testamento.

Não há dúvida que nos encontramos perante uma situação verosímil e certamente histórica em relação ao Sitz im Leben, de Jesus, confirmado, aliás, por muitos outros textos dos Evan-

gelhos. Ao contrário de Mt, que coloca a parábola no Sitz im Leben da Igreja. *

A «murmuração» dos fariseus, Jesus responde com uma pergunta que não é retórica, mas de teor polémico: *Τίς ἀνθρωπος ἐξ ὑμῶν...* Mas este «ánthropos», afinal, é um pastor. E o pastor era também considerado pecador, porque fazia apascentar os seus rebanhos nos terrenos dos outros; ou porque roubava os donos dos rebanhos. Os pastores pertenciam, pois à classe dos ladrões. Isso não impedia que Jesus apresentasse o pastor como imagem de Deus! Comer com todas estas classes de pessoas «pecadoras» significava ainda que elas têm o direito de participação no banquete escatológico, com o Senhor.

Dizíamos acima que o tema da parábola é a alegria causada pelo perdão de Deus ao pecador; vários indícios literários nos levam a esta afirmação:

συνεσ ίει, Jesus com os pecadores, como sinal mais evidente da paz e da alegria entre Deus e o homem, segundo a teologia do Antigo Testamento; como sinal da aliança e de reconciliação da humanidade entre si e da humanidade com o seu Deus; como figura e antecipação do banquete escatológico. Mas o «sunestiei» de Jesus com os *telonai kai amortoloi* supõe uma atitude fundamental: σ

— *προσδέχεται*. É o acolhimento de Jesus a tais classes de pessoas. Ele não tem medo de «sujar as mãos», nem de se tornar impuro no contacto com eles. Os fariseus evitavam qualquer contacto com estes «pecadores»; e, se não podiam evitá-lo, submetiam-se a rigorosos ritos purificatórios.

Porque Jesus os «acolhia» e «comia» com eles, fazendo escandalosa excepção à atitude farisaica, não admira que *πάντες οί τελῶναι και οί ἀμαρτωλοί* se aproximassem de Jesus para O ouvir. Porque, certamente, sentiam, nisso, grande *alegria*.

Outra atitude festiva esta por parte do pastor, e já no corpo da parábola, é a da alegria que sente ao encontrar a ovelha:

— *Χαίρων*. Exprime profunda alegria, que ele concretiza em dois gestos:

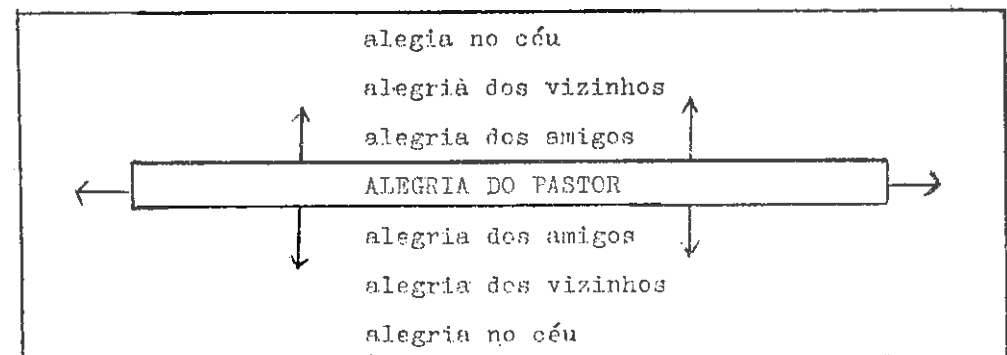
— *ἐπιτίθησιν ἐπὶ τοῦς ὤμους αὐτοῦ*. Tal gesto significa não só excepcional carinho mas também grande alegria e sinal de festa.

Mas o gesto significativo de maior alegria é, certamente, o convite à alegria e à festa, de amigos e vizinhos — *τοῦς φίλους και τοῦς γείτονας* — expresso por

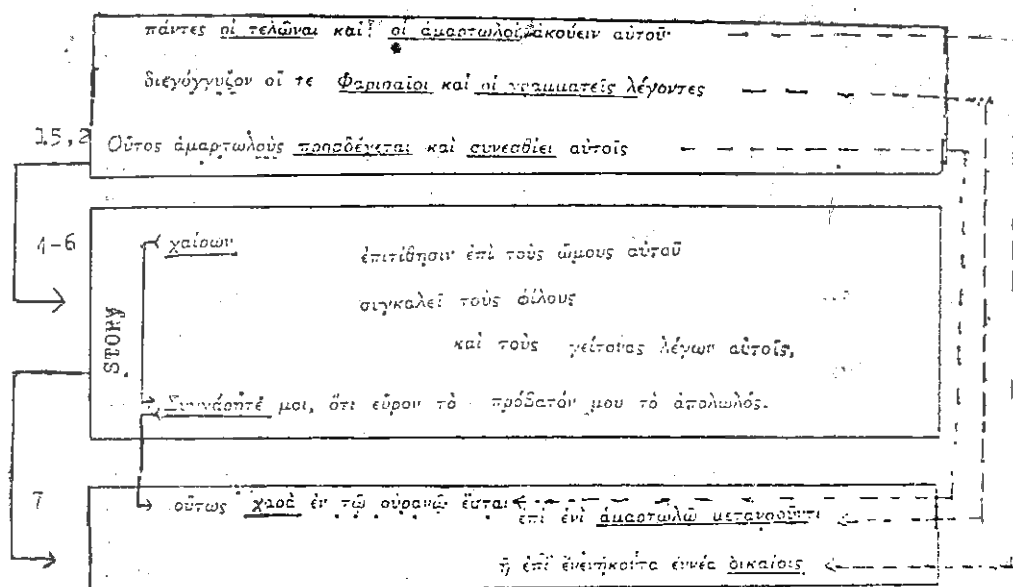
— *συγκαλεί*, verbo que no N.T., só é usado por Lc, no evangelho (4 vezes) e nos Actos (3 vezes), com excepção de Mc 15,16. Mas, aqui é convite para a festa. Por isso, este verbo é, significativamente, o mesmo que exprime a alegria do pastor, ao encontrar a ovelha:

— *Συγχαρήτέ μοι*. Antes, a alegria era puramente individual; o pastor, cheio de alegria, toma a ovelha aos ombros e vem para o povoado — *ἐλθὼν εἰς τὸν οἶκον* —; já aqui, a alegria que traz no coração explode, transmite-se aos outros em clima de festa da aldeia. E embora não nos seja dito em concreto como se realizou tal festa, o certo é que há uma participação de «vizinhos» e «amigos» na festa que o pastor sente por dentro. Deste modo, enquanto no corpo da parábola de Mt a alegria fica no coração do pastor — *χαίρει ἐπ' αὐτῷ μᾶλλον ἢ ἐπὶ τοῖς ἑνε νήκουτα ἑνεα ταῖς μὴ πεπλανημένοις* — em Lc, a alegria é comunicada a todos os que o rodeiam.

Mas a alegria continua na aplicação da parábola de Lc: *χαρὰ ἐν τῷ οὐρανῷ ἔσται...* A alegria que nasce no coração do pastor chega ao céu, depois de passar pelos amigos e vizinhos. Poderíamos então esquematizar a *festa do pastor em Lc* deste modo:



Podemos agora tentar um esquema da parábola de Lc, tendo em conta os núcleos literários do enquadramento (introdução e aplicação) assim como da «story» da mesma:



Como é fácil de constatar, o motivo da festa enche a parábola de Lc; sobretudo pelo *sun-estíei* de Jesus com os pecadores (introdução) e pelo tema «*chairō*» repetido no corpo da parábola e uma vez presente na aplicação final. Podemos, portanto, dizer que é a *lógica da alegria* que está presente em toda a parábola, ligando entre si as três partes. Tal ligação é feita ainda, pela dinâmica da alegria que vai dos pecadores que participam no «*prosdéchtai*» e no «*sun-estíei*» de Jesus, até à alegria no céu — a alegria de Deus; a «*story*» da parábola tem a função de explicitar a alegria de uns e de outros: dos pecadores representados na ovelha e de Deus representado no pastor. A ligação entre a introdução e a aplicação final é feita ainda pelo paralelismo existente entre as duas partes a nível do vocabulário: οἱ τεθῶναι καὶ οἱ ἀμαρτωλοὶ... ἐνὶ ἀμαρτωλῷ μετανοοῦντι (aplicação) φαρισαῖοι καὶ οἱ γραμματεῖς equivalente a ... ἐνεήκοῖσιν ἑνῆς δικαίου (aplicação); isto é, o vocabulário nuclear da introdução volta a aparecer na aplicação final, o que confere à parábola uma extraordinária verosimilhança e lógica interna.

A ligação entre o corpo da parábola e a sua aplicação final pode ser sintetizada numa comparação, pois estamos perante uma parábola de tipo comparativo: *Assim como* um pastor de numeroso rebanho, tendo perdido uma ovelha, manifesta maior

solicitude na procura e maior alegria pelo encontro da mesma, do que por 99, *assim também* o Senhor manifesta maior alegria por um pecador que se converte do que por noventa e nove «justos» que julgam não precisar de arrependimento. Digo «que julgam não precisar de arrependimento» porque há muita ironia escondida por detrás do termo «*dikaíoi*» da aplicação final; por isso dizemos que ele se refere a «*pharisaioi*».

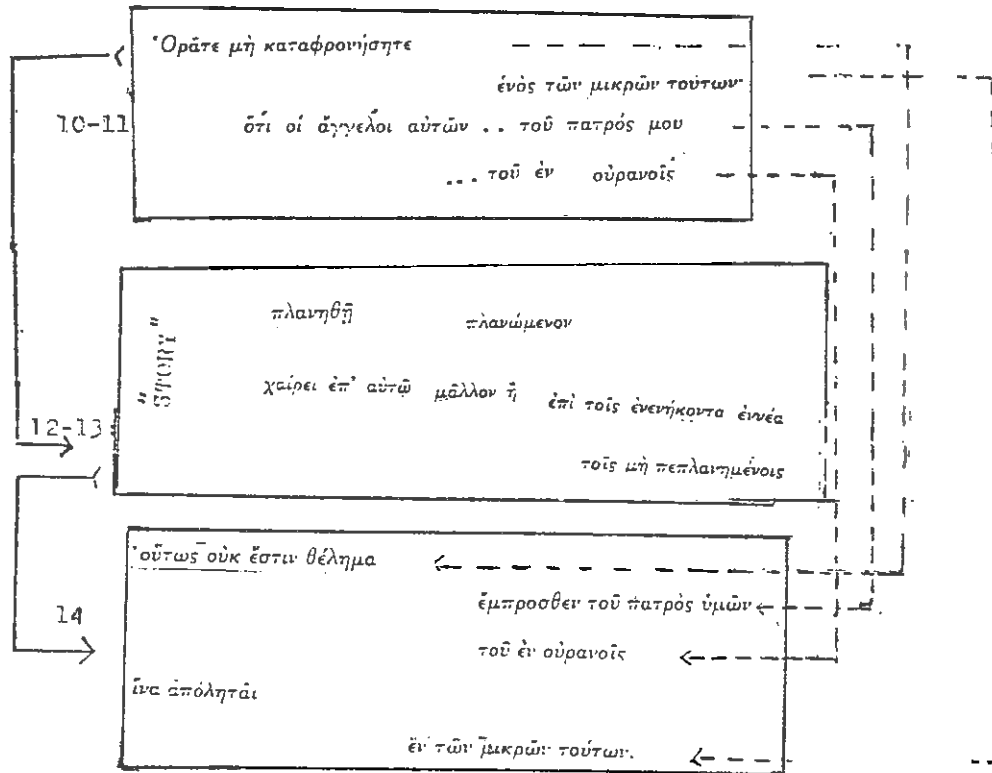
Ainda quanto à aplicação final da parábola de Lc, há nela um motivo literário que, em Mt, se encontra no corpo da mesma, É o da fórmula: 1=a mais que 99. Qual dos dois tem razão? Ou melhor que lugar ocupava a fórmula na parábola original? Mais uma vez, Lc parece mais lógico, ao colocá-la na aplicação final. Tal lógica transparece na comparação acima enunciada: *assim como* 1 ovelha=mais que 99 ovelhas, *assim também* 1 pecador=mais 99 «justos». Na parábola de Lc, a conclusão é extraída, logicamente, das premissas. Na de Mt não transparece tal lógica, na parábola propriamente dita, Se não vejamos:

«*assim como* 1 ovelha=mais que 99 ovelhas; e o pastor se alegra mais por 1 que por 99,

assim também o vosso Pai não quer que se perca 1 destes «pequenos». A conclusão da parábola não se encontra directamente no corpo da mesma porque o tema dos «pequenos» encontra-se unicamente no enquadramento inicial. Uma parte da conclusão é extraída do enquadramento inicial (tema dos «pequenos») e outra do corpo da parábola (tema da unicidade: *um* destes...). Confessamos que é uma lógica pouco clara.

A parábola original (da fonte Q?) deveria gozar da lógica de Lc. Mt «interessado» numa conclusão diferente, com uma finalidade «dogmática», fez a transposição da fórmula «lucana» da aplicação final para o corpo da parábola, pelo que aí aparece repetida. E a aplicação final de Mt pouco tem a ver com o corpo da parábola, com a «*story*» primitiva que, por sua vez, se apresenta demasiado pesada devido à mencionada repetição. Mas vejamos, agora, comparativamente, as duas parábolas:

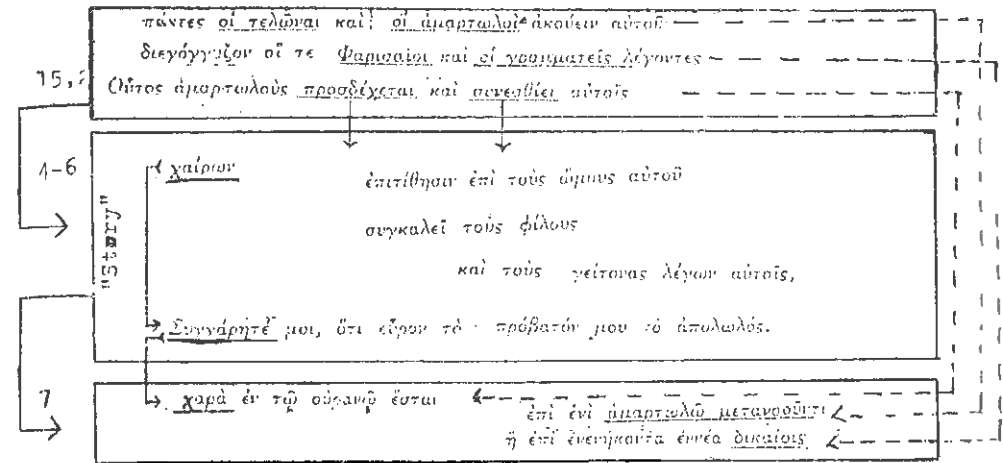
MATEUS



Comparando a estrutura da parábola nos dois sinópticos, salta à vista a diferença do vocabulário específico e essencial de cada um. A introdução nada tem em comum. Quanto ao corpo da parábola, enquanto Mt insiste no «planao» da ovelha (três vezes), Lc insiste no «Chairo» (duas vezes) e nos gestos que são consequentes a esta alegria. O «Chairei» do corpo da parábola de Mt corresponde à «chará» da conclusão da mesma em Lc; «alegria» esta que é prolongamento da «alegria» da introdução e do corpo da parábola; enquanto, na conclusão, Mt não faz qualquer referência à alegria, senão ao «apoletai» dos «pequenos».

Como aparece igualmente claro, não há grande correspondência, filologicamente falando e a nível de vocabulário espe-

LUCAS



cífico, entre as duas parábolas sinópticas. Apenas o «chairei» (Mt) — «chairon» — «sugcharete» — «chará» mas o primeiro elemento encontra-se deslocado, no texto de Mt.

No entanto, a parábola de Mt reduzida ao vv. 12-13, não estaria longe do Sitz im Leben de Jesus.

Aplicação da parábola de Tomé. O evangelho de Tomé não tem enquadramento algum. Nem no início nem no fim, como já antes afirmávamos. No entanto, uma certa aplicação escolde-se por detrás duma expressão aparentemente inocente: (ἀγαπῶ σε) παρὰ τὰ ἐνεθήκοντα ἑννέα.

Com efeito, o verbo «agapo» é suspeito de gnosticismo. Assim como a preferência pela unidade ou melhor, pela unicidade. No logion n.º 8 de EvTom é-nos dito que «o pescador inteligente encontrou um peixe bom e grande. Rejeitou todos os pequenos peixes, deitando-os ao fundo do mar e escolheu o peixe grande». Parece haver identificação entre o bom e o grande, como acontece no nosso logion 107 sobre a ovelha perdida. Subrepticamente, um autor gnóstico, ou gnosticizante, incluiu na parábola primitiva o μέγα ἔστιν, de acordo com a doutrina gnóstica da preferência de Deus pelos seres mais espirituais. Esses, sim, é que são os «bons» e o «grandes». Por isso, Deus dedica-lhes um amor todo especial. É o que parece estar por

detrás do (ἀγαπῶ σε) παρα τὰ ἐνεθήκοντα ἑννέα. A ovelha é a preferida não por se ter perdido mas porque «mega estin» — é a grande.

3. Qual é a parábola que Jesus pronunciou?

O problema de saber qual a parábola historicamente mais antiga, isto é, a que constitui as «ipsissima verba» de Jesus é, realmente, o ponto crítico do nosso estudo e onde os dois sinópticos mas se afastam entre si e de EvTom.

Quantitativamente, parece haver mais alegorização e teologização nos dois sinópticos sobretudo em Mt. Cada um com a sua. Mt insistindo nos «pequenos» segundo o enquadramento de todo o capítulo eclesial, sobretudo 18,1-7; 10-11; 12-14 (a nossa parábola); 23-35. Lc, ao contrário, insiste na alegria pela conversão dum pecador arrependido; EvTom, dada a sua simplicidade, parece mais próximo do Sitz im Leben de Jesus. Isto aparecerá mais claro, se não esquecermos que os dois sinópticos colocam a «vontade» de salvar ou «a alegria» do pastor» em to ourano(i)», o que os afasta da simplicidade e humanidade de EvTom.

Quanto à fórmula: 1=mais que 99 que Mt coloca no corpo da parábola, em Lc-EvTom ela aparece unicamente na aplicação final, o que parece conceder mais primitivismo e lógica aos dois últimos. Dir-se-ia que Mt tem duas aplicações: a da alegria provocada pelo encontro da ovelha perdida e a defesa dos «pequenos». Na conclusão EvTom não põe grandes problemas de «conflation» porque o seu texto é muito curto; Lc, pelo contrário, coloca-nos um problema que, possivelmente, não existia na parábola primitiva. É o problema dos «justos». C. H. Dodd pergunta-se se Jesus falou realmente de «justos»⁵ e fala de indícios de alegorização: ovelha que permanece no redil=justos; ovelha extraviada=pecador; ovelha extraviada que aparece=pecador que se arrepende; portanto, um pecador arrependido é melhor que noventa e nove justos. E o mesmo Dodd acrescenta que «isto parece demasiado mecânico». A mim, parece-me simplesmente lógico. É uma parábola, como qualquer raciocínio, tem a sua lógica.

⁵ C. H. DODD, *Las parabolos del Reino*, Madrid, 1974, 117.

Se Jesus fez alegorização na parte final da parábola — o que não parece nada impossível — qual das três parábolas estará mais próxima do Sitz im Leben de Jesus e, portanto, nos poderá merecer mais credibilidade histórica? Pelos motivos já apontados, a de Lc parece mais de acordo com o contexto histórico, tem mais inteligibilidade e lógica interna. A aplicação da parábola de Mt poderia soar do seguinte modo: «Assim como o pastor vai atrás da ovelha perdida, assim os chefes da Igreja devem procurar os cristãos=pequenos». Não se vê muita lógica na passagem de ovelha perdida a «pequeno». A alegorização é demasiado forçada, até porque não se diz que a ovelha perdida é «pequena». Em Lc, ao contrário, há perfeita lógica entre ovelha perdida — pecador. Há mais verosimilhança.

Mas a exuberante «alegria» do texto de Lc parece vir por contágio com as outras parábolas do cap. 15 que tratam das «coisas perdidas» e das quais não podemos prescindir, como contexto da presente parábola. Nas parábolas da dracma e do filho perdido o «convidar amigos e vizinhas» ou «fazer uma festa e alegrar-nos» têm mais lógica porque nos encontramos em ambiente habitado, num povoado ou numa cidade. O mesmo não parece lógico na parábola porque nos encontramos em ambiente tipicamente pastoril. O mais lógico seria convidar «outros pastores» e não o «convocar amigos e vizinhos». Por isso, não parece de todo impossível que Lc tenha tomado a parábola da fonte Q e lhe tenha aplicado a conclusão da parábola da dracma perdida. Por isso também, o maior afastamento de Mt, em relação aos outros dois textos, não significa, automaticamente, que o texto de Lc seja transcrição exacta da parábola da fonte Q. O tipo de vocabulário utilizado e a teologia são tipicamente lucanos. Lc não está, pois, isento duma grande dose de redaccionalidade.

Por isso, penso que a autêntica parábola de Jesus e de Q — ou a mais próxima — é a que se encontra em Lc 15,4-5 unicamente. Tudo o resto parece ser de teor redaccional. O que parece evidente, sobretudo pela diferença existente entre a aplicação de Mt-Lc. Nestes versículos encontramos o que é essencial a uma parábola: a *interpelação* dos ouvintes, que não tem uma função simplesmente fática, mas pretende introduzir os ouvintes na parábola de modo que sejam eles próprios a tirar a conclusão;

tem o grau de *narratividade* suficiente para tornar o texto compreensível; exprime o *sentimento do pastor*: a alegria.

Segundo o que acabamos de dizer, a parábola de Q poderia ter o seguinte esquema: — interpelação dos ouvintes: como em Lc ou Mt

— story da procura da ovelha: como em Lc

— alegria do pastor: como em Lc

(— a aplicação, se alguma havia: como em Lc).

Segundo este esquema e por outras razões já apontadas, a parábola de EvTom está muito mais perto de Lc que de Mt. E, como não podemos comparar EvTom com Mt, senão mediante Lc, sigamos comparando Lc-EvTom para verificar até onde podemos chegar na procura da maior autenticidade da parábola que nos ocupa. Sabendo que os elementos essenciais da parábola se encontram nos dois textos, vejamos, entretanto, algumas divergências: e a primeira é a que encontramos na introdução da parábola de EvTom: *ὅμοια ἔστιν ἡ βασιλεια*. Sendo muito comum noutras parábolas dos sinópticos, aqui não aparece senão em EvTom. Mt-Lc começam, significativamente, por uma interpelação de tipo retórico. Qual dos dois modos foi o mais primitivo? Se nos guiamos unicamente pelo critério da atestação múltipla, temos de concluir pela historicidade dos dois sinópticos.

Por outro lado, em EvTom há dois termos um pouco estranhos que não se encontram em Mt-Lc e que chamam a atenção de grande parte dos estudiosos desta parábola: são os já mencionados «*hén... méga estín*». Estes dois termos, ligados como estão entre si, podem testemunhar o gnosticismo presente nesta parábola de EvTom. Lc fala apenas de «uma das ovelhas» (*hén ex auton*); para Mt, este «uma» (*hén ex auton*) será a «*mikrón próbaton*», enquanto para EvTom trata-se da «*méga próbaton*», o que representa uma oposição completa com a parábola de Mt! Além disso, este «*méga próbaton*» de EvTom deve ser lido no contexto de outros dois logions do mesmo pseudo-evangelho, o 8 e o 96 em que se fala do «*grande peixe*» e dos «*grandes pães*», respectivamente. Os termos «um» e «único» estão muito presentes em EvTom. É o tema da solidão gnóstica, da unicidade do ego, o único capaz de perceber os «mistérios».

A ênfase do individual parece clara na união dos dois termos do nosso texto⁶.

Neste caso, a proporção da fórmula 1 = mais que 99 de EvTom não é unicamente quantitativa mas, sobretudo *qualitativa*, de qualidade «pneumática»: *único*=*grande*=*bom*. Segundo esta proporção qualitativa, parece que as outras noventa e nove ovelhas seriam banais, mediocres, ou seja *pequenas* = *más*. O mesmo não acontece nos sinópticos, que apenas pretendem exprimir a alegria exuberante pelo encontro da ovelha perdida. O que acabamos de afirmar é atestado pela expressão: «*amo-te mais que às 99*», expressão que não se encontra em Q. Tal expressão não só muda o conteúdo ideológico da aplicação da parábola — da alegria para o amor — como também personifica claramente a ovelha que, deste modo, é considerada inteligente, capaz de compreender a linguagem humana e os «mistérios» do Alto.

Tudo isto parece mostrar que estamos perante uma expressão de tipo gnóstico a significar *um amor particular* da parte do «pastor» que reconduz a ovelha da dispersão do mundo ílico ao mundo da unidade primordial. Não é esta a opinião de A. Guillaumont⁷ quando defende que o «*chairei ep'auto* de Mt 18,13 e o «*chairon*» de Lc 15,5 seriam uma tradução imperfeita do s. b' aramaico que significa, basicamente «querer, ter prazer em», equivalente do grego «*eudokein*». Neste caso, por detrás dos termos utilizados por Mt e Lc haveria um fundo aramaico que afastaria toda a hipótese de gnosticismo da expressão «*amo-te...*» utilizada por EvTom. Tal hipótese parece-me plausível e repugna-me uma leitura de EvTom unicamente em chave gnóstica. Se, como sabemos, a história do texto evangélico (e de EvTom) passou por várias vicissitudes e traduções, não parece claro que por causa de um único vocábulo se possa fazer uma leitura unicamente gnóstica do n.º 107 de EvTom. Nem podemos considerar argumento apodíctico o facto de Ireneu⁸ nos dizer que os Valentinianos identificavam a ovelha perdida com a Sofia,

⁶ H. MONTEFIORI, *A Comparison of the Parable of the Gospel According to Thomas and of the Synoptic Gospels*, in *NTS* 7 (1960-61) 233.

⁷ A. GUILLAUMONT, *Sémitismes dans les logia de Jésus retrouvés à Nag Hammadi*, JA, 1958, 120.

⁸ Cf. *Adv. Haer.*, II, 24,6.

a qual, deixando no alto o seu trono, veio habitar nas realidades terrestres.

No seguimento de Ireneu⁹, N. Perrin afirma que esta parábola de EvTom nada ajuda na procura das «ipsissima verba» de Jesus¹⁰.

A solução mais plausível deste problema parece residir no jogo do duplo sentido. O gnosticismo costumava jogar com dois registos, com termos de dois sentidos, sentido normal e outro «misterioso»; não tinham necessidade de mudar muitos termos nesta parábola ou mudaram o número mínimo, suficiente para veicular a sua ideologia. Tal parece ser o caso do vocábulo «a grande» que não se encontra em Q. Ao introduzir este vocábulo na parábola tradicional, o gnosticismo tinha já um ponto de partida para uma interpretação da parábola segundo a sua ideologia. Segundo o gnosticismo, o número noventa e nove era símbolo do mundo celeste; incompleto, a «única» era a luz do mundo a perdida, porque não está no «rebanho» celeste, mas prisioneira da matéria, no homem. O Salvador vem ao mundo para reunir a «perdida» ao número noventa e nove, recreando assim, a perfeição significada no número cem¹¹. Se isto é verdade, o centro da teologia de EvTom na parábola da ovelha perdida, porque tal ovelha é «a grande», não seria tanto a vinda do Salvador para a salvar da matéria, como a acentuação da capacidade de resposta do homem espiritual (significado em «a grande»), ao Salvador. Ora, isto muda completamente a teologia da parábola, em relação aos sinópticos; neles se acentua precisamente, a gratuidade absoluta da salvação, por parte do «Pastor». Este é um pressuposto importante para julgar da teologia da parábola da ovelha perdida.

Esta é, a meu ver, a melhor das hipóteses quanto ao gnosticismo presente na nossa parábola que, como já antes dissemos, tem paralelo no «grande peixe» (n.º 8) e no «grandes pães» (n.º 96). A expressão seria, pois, o único contágio gnóstico que sofreu a parábola da ovelha perdida presente em EvTom. Por este

⁹ Cf. *Adv. Haer.*, II, 24,6.

¹⁰ «It has become so much a vehicle for expressing gnostic teaching that the versions do not help us to reconstruct the teaching of Jesus» in *Rediscovering the teaching of Jesus*, London, SCM Press, 1967, 99.

¹¹ Cf. IRENEU, *Adv. Haer.*, II, 24,6.

motivo ainda, não me parece plausível que EvTom tenha seguido fontes diferentes dos dois sinópticos.

4. Que podemos concluir?

De tudo quanto foi dito até agora sobre a parábola da ovelha perdida presente nos três textos, convém não perder de vista um dado importante: é que nos encontramos num terreno movediço em que é difícil distinguir, muitas vezes, entre a certeza, a probabilidade e a verosimilhança.

Falando sobre cada um dos textos em concreto, podemos concluir o seguinte:

— É claro que Mt se afasta do Sitz im Leben da parábola primitiva de Q. Colocando a parábola no quadro do discurso eclesial, o primeiro evangelista transferiu o texto do Sitz im Leben de Jesus para o da Igreja. Por esse motivo, a sua parábola não goza de inteligibilidade interna, de lógica, como acontece em Lc. Tão pouco parece clara a ligação que ele faz entre «ovelha perdida» e «pequeninos». É, portanto, um dado certo que Mt aproveitou uma «story» que conhecia (pela fonte O) e «forçou-a» a entrar numa exposição teológica que pretendia fazer aos «grandes» da Igreja, em favor dos «pequeninos». Mt torna-se, assim, mais «dogmático» e redaccional, sobretudo pelo enquadramento inicial e pela aplicação final. Ao mesmo tempo, Mt perdeu pormenores que tornam o texto de Lc mais pitoresco e verosímil. Por outro lado, Mt conclui, não segundo a lógica da parábola e segundo a sua «story» mas segundo o enquadramento eclesial da mesma.

Na parábola de Lc verifica-se melhor o *critério da continuidade/conformidade* histórica. Segundo este critério, é mais autêntico um texto onde se verifica maior coerência com o Sitz im Leben de Jesus; assim como a coerência com as verdades fundamentais da Sua mensagem. Ora, como também já acima referíamos, a parábola de Lc conserva o Sitz im Leben de Jesus na discussão com os fariseus, dado que é confirmado por outras passagens dos evangelhos. Eles consideravam-se «δικαιοὶ ὅτινες οὐ χρειαί, ἔχουσιν μετανοίας», como conclui Lc, e acusavam Jesus de «receber e comer com os pecadores», que eles desprezavam. Por isso, a parábola de Lc goza de maior *inteligibilidade interna*, isto é, goza de perfeita harmonia entre o seu enquadramento

inicial e geral, do cap. 15, o corpo ou a «story» e a aplicação final. A parábola de Lc parece ainda *mais primitiva* pelo pitoresco dos pormenores da pastorícia da Palestina, pela ternura do pastor e pela alegria que decorre do encontro da ovelha perdida. Tal alegria parece natural num pastor que apenas tem cem ovelhas e, para o qual uma ovelha conta muito para as suas economias. Por isso, o acento da parábola de Lc vai para a *alegria* do pastor que encontra a ovelha perdida (= *pecador*) o que nos faz pensar na pura gratuidade da salvação de Deus oferecida ao pecador.

Apesar de diferentes na aplicação final, as parábolas de Mt-Lc são as que gozam de maior autenticidade histórica, se tivermos em conta o critério do *testemunho múltiplo*. Tal aplicação começa, nos dois, pelo típico «houtos», um «houtos» que quase é exigido, a modo de apódose, pela introdução e pelo corpo da parábola. Embora com um conteúdo diferente nos dois sinópticos, esta introdução, seguida do texto de Lc, pode muito bem ter saído dos lábios de Jesus. Isto não está em contradição com o que acima dizíamos acerca da parábola propriamente dita que poderia encontrar-se em Mt 18,12-13 e Lc 15, 4-6. Estamos no campo das hipóteses; e uma parece-me tão válida como a outra. Este seria, essencialmente, o material da fonte Q.

No que toca à aplicação final de EvTom, implícita no *ἀγαπῶ σε*, ela parece favorecer a hipótese não da justiça, como acontece nos dois sinópticos, mas da *injustiça*, do amor preferencial de Deus para com a ovelha «grande». O acento recai, não sobre a alegria pelo encontro da ovelha, gratuitamente trazida para o redil, mas sobre os méritos da ovelha, que é mais amada porque é «grande», isto é, mais espiritual que as outras. Segundo os sinópticos a alegria não corresponde a maior amor por uma ovelha que por noventa e nove. Trata-se, apenas, como é natural, duma alegria mais intensa porque correspondente a um intenso sofrimento. Mas o amor do «pastor» é o mesmo por todas e por cada uma das ovelhas. Segundo este critério, a teologização, presente em EvTom, afastá-lo-ia claramente dos sinópticos e da parábola primitiva. Poderíamos dizer que a «ovelha» recebeu uma alegorização diferente em Mt — os *pequeninós*; em Lc — os *pecadores*; em EvTom — os *santos*. A de Lc parece a mais consentânea com o *Sitz im Leben* de Jesus e, por isso, a que menos teologização sofreu.

Por isso, não tem razão Philipe de Suarez quando afirma que foram os sinópticos a produzir a «inversion complète du sens primitif» que ele crê encontrar-se no pseudo-Evangelho de Tomé¹².

Comparada com a de Lc, a parábola de EvTom, mostra igualmente pouca influência eclesiológica. O termo «*basileia*» que introduz o seu texto, pode reforçar o seu primitivismo. Pois não parece que Jesus tenha pregado sobre a Igreja, mas sobre o «Reino» de Deus.

Apesar de certo contágio gnóstico, EvTom oferece-nos, pois, um belo texto que nos transmite o odor do primitivismo palestinese do tempo de Jesus. Duma requintada simplicidade sem qualquer enquadramento e sem aplicação explícita — transporta-nos aos tempos de Jesus ou, pelo menos, ao ambiente siro-palestinense onde deve ter nascido. O contágio «gnóstico» do «agapo se» não nos deve meter medo, nem nos permite acusar «a priori» o seu autor de intenções malévolas. O mesmo não diremos, entretanto, do «mega estin» que parece claramente gnóstico.

Por tudo isto, parece-me que o texto da ovelha perdida de EvTom nos ajuda a encontrar o texto e o sentido da parábola primitiva, porque nos permite identificar elementos redaccionais que se foram acumulando ao longo da sua já longa história. A presença desta parábola na literatura extra-canónica e com um texto muito semelhante ao dos sinópticos, é, por si só, uma confirmação valiosa da autenticidade do texto canónico presente em Mt-Lc. Porque é mais uma prova do critério da *atestação múltipla*.

¹² ... La même aventure est arrivée à la brebis disparue, à l'Unique. Le berger n'a de cesse qu'il ne l'ait retrouvée car elle est sa raison de vivre. Le fait d'assimiler la brebis qu'on retrouve au pécheur repentant qui rentre au bercail montre une inversion radicale du sens de la parabole. Le brebis qui symbolise l'Ineffable, le Soi, est ravalée au rang de créature, tandis que le berger, devenu bon Pasteur, devient le héros, le saint.

La parabole de la drachme perdue, qui ne figure pas dans Ts et qu'on a coutume de rapprocher de celle de la brebis perdue, prête, bien qu'étant dépouillée, à la même confusion. In *L'Évangile selon Thomas*, Montélimar, Ed. Metanoia, 1974, 312.

Penso que no estado actual do estudo dos evangelhos, não podemos ir muito mais longe, na investigação histórico-literária da parábola da ovelha perdida. Por isso, o texto primitivo

¹²Τί ὑμῖν δοκεῖ; εἴαν γένηται τινὲς ἀνθρώπων
ἑκατὸν πρόβατα καὶ πλανήσῃ ἐν ἐξ αὐτῶν, οὐχὶ ἀφήσει
τὰ ἐνενήκοντα ἑνῆα ἑπὶ τὰ ὄρη ἢ καὶ πορευθεὶς ἰζηται
τὸ πλανώμενον; ἢ καὶ εἴαν γένηται ἑκέρειν αὐτό,
ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι χαίρει
ἐπ' αὐτῷ μᾶλλον ἢ ἐπὶ τοῖς ἐνενήκοντα ἑνῆα τοῖς μὴ
πλανημένοις.

⁴εἷς ἄνθρωπος ἐξ ὑμῶν ἔχων
κατὸν πρόβατα καὶ ἀπολέσας ἐξ αὐτῶν ἓν τοῦ καταλεί-
πει τὰ ἐνενήκοντα ἑνῆα ἐν τῇ ἐρημῷ καὶ πορεύεται ἐπὶ
τὸ ἀπολωλός ἕως τέρου αὐτοῦ; καὶ εὐρῶν
ἐπιτήσσει ἐπὶ τοὺς ὄρους αὐτοῦ χαίρων

⁶καὶ ἐλθὼν εἰς τὸν οἶκον συνακαλεῖ τοὺς
σείλους καὶ τοὺς γείτονας λέγων αὐτοῖς: συγχαίρετέ μοι,
ὅτι εὐρον τὸ πρόβατόν μου τὸ ἀπολωλός.

ὁμοία ἐστὶν ἡ βασιλεία
ἀφρώπων τινὲ ποιμένων
ἑκατὸν πρόβατα ἔχων ἐν ἐξ αὐτῶν ἐπλανήθη· μέγα ἐστὶν
κατέλιπεν τὰ ἐνενήκοντα ἑνῆα (καὶ) ἰζητήσσει τὸ ἐν
ὄρος εὐρη αὐτό.

poderia ter sido uma sýmula do que se encontra em Mt 18,12-13; Lc 15,4-6 e o texto paralelo de EvTom que seguidamente apresentamos:

Herculano Alves, OFM cap.